

Desenvolvimento das Propostas Interventivas Grupais de Carl Rogers

Paulo Coelho Castelo Branco*

Orcid.org/0000-0003-4071-3411

*Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará,
Fortaleza, CE, Brasil*

Resumo

No Brasil, o legado de Carl Rogers, especialmente no que se refere às suas abordagens grupais, é alvo de críticas que o classificam como individualista, acrítico, utópico, romântico e ingênuo. Pressupõe-se que tais críticas decorram de uma desatenção às contendas enfrentadas por Rogers ao desenvolver suas propostas terapêuticas grupais no contexto dos Estados Unidos. Com o intuito de abordar esse hiato intelectual, identificam-se três fases centrais de sua atuação grupal: a fase seminal, fundamentada no aconselhamento psicológico não-diretivo (1940-1947); o desenvolvimento de práticas grupais oriundas da terapia centrada no cliente (1947-1963); e a institucionalização dos grupos de encontro e dos *workshops* ou comunidades centradas na pessoa (1963-1987). Foram identificadas características, semelhanças e diferenças entre essas modalidades, permitindo uma reavaliação das críticas mencionadas. Os achados indicam que Rogers passou de um modelo grupoterapêutico de base clínica para uma proposta de cunho político, voltada ao experimento social humanista. Conclui-se que o legado de Rogers é vasto e permanece aberto à investigação histórica, oferecendo um terreno fértil para novas leituras sobre suas contribuições.

Palavras-chave: Carl Rogers, pesquisa bibliográfica, psicoterapia de grupo, terapia centrada no cliente, terapia de grupo de encontro.

Development of Carl Rogers' Group Intervention Proposals

Abstract

In Brazil, Carl Rogers' legacy, particularly his group approaches, is criticized as individualistic, uncritical, utopian, romantic, and naive. It is assumed that such critiques stem from a lack of attention to the theoretical and practical contents that Rogers confronted while developing his group therapeutic

* Correspondência: Avenida da Universidade, 2762, Benfica, 60.020-180, Área 2 do Centro de Humanidades, Bloco Didático Prof. Ícaro de Sousa Moreira, Fortaleza, CE, Brasil. Tel.: (85) 9 9689-7707. E-mail: pauloccb branco@gmail.com.

Agradecimentos: o autor agradece ao CNPq (Bolsa Produtividade Processo 04445/2022-3) pelo apoio à pesquisa. O autor agradece as valiosas contribuições ao editor, William Barbosa Gomes, que possibilitaram o aprimoramento do trabalho.

proposals within the United States. To address this intellectual gap, three key phases of his group work are identified: the seminal phase, grounded in non-directive psychological counseling (1940-1947); the development of group practices, based on client-centered therapy (1947-1963); and the institutionalization of encounter groups and person-centered workshops or communities (1963-1987). Characteristics, similarities, and differences among these modalities, allowing for a re-evaluation of the aforementioned critiques. The findings suggest that Rogers moved from a clinically based group therapy model toward a politically oriented proposition of humanistic social experimentation. It is concluded that Rogers' legacy is both extensive and still open to historical inquiry, offering fertile ground for new readings to his contributions.

Keywords: Carl Rogers, bibliographical research, group psychotherapy, client centered therapy, encounter group therapy.

Desarrollo de las Propuestas de Intervención Grupal de Carl Rogers

Resumen

En Brasil, el legado de Carl Rogers, especialmente sus enfoques grupales, ha sido objeto de críticas que lo califican como individualista, acrítico, utópico, romántico e ingenuo. Se presupone que tales críticas derivan de una falta de atención a las disputas enfrentadas por Rogers al desarrollar sus propuestas terapéuticas grupales en el contexto de los Estados Unidos. Con el propósito de abordar esta brecha intelectual, se identifican tres fases centrales en su trayectoria grupal: la fase seminal, basada en el asesoramiento psicológico no directivo (1940-1947); el desarrollo de prácticas grupales derivadas de la terapia centrada en el cliente (1947-1963); y la institucionalización de los grupos de encuentro y comunidades centradas en la persona (1963-1987). Se identificaron características, similitudes y diferencias entre estas modalidades, lo que permitió una reevaluación de las críticas mencionadas. Los hallazgos indican que Rogers transitó de un modelo grupoterapéutico de base clínica hacia una propuesta de carácter político orientada al experimento social humanista. Se concluye que el legado de Rogers es vasto y continúa abierto a la investigación histórica, ofreciendo un terreno fértil para nuevas lecturas de sus contribuciones.

Palabras clave: Carl Rogers, investigación bibliográfica, psicoterapia de grupo, terapia no dirigida, terapia de grupo de encuentro.

Carl Rogers (1902-1987) foi um psicólogo estadunidense que desenvolveu várias propostas de intervenção terapêutica, como apontam os seus trabalhos sobre o método não diretivo de aconselhamento psicológico, psicoterapia centrada no cliente, grupos de encontro e *workshops* ou comunidades centradas na pessoa (Rogers, 1942/2005, 1961/2009, 1970/2002, 1977/2001, 1951/1992, 1980/1983; Rogers & Dymond, 1954; Rogers & Wallen, 1946/2000). Essa variedade ocorreu graças ao trabalho com diversos orientandos e colaboradores que o

ajudaram a edificar essas práticas (Rogers & Russell, 2002).

A despeito de Rogers ter sido reconhecido pelas suas contribuições à Psicoterapia e à Psicologia Clínica (Stenzel, 2021), a herança rogeriana de práticas terapêuticas grupais foi objeto da disseminação e popularização da abordagem centrada na pessoa (ACP). Em específico, destacam-se os trabalhos de grupos de encontro e *workshops* centrados na pessoa, possibilitando a Rogers e sua equipe visitar o Brasil em 1977, 1978 e 1985 (Feitosa et al., 2017).

No cenário brasileiro, os trabalhos terapêuticos grupais de Rogers exerceram grande influência, mas foram alvos de críticas. As influências podem ser claramente reconhecidas pela receptividade que Rogers encontrou em suas visitas ao Brasil e nos muitos centros de formação humanistas que continuam espalhados pelo país (Bandeira, 2012). As críticas voltaram-se para a baixa efetividade da abordagem (Fonseca, 1988; Moreira, 2007), para a visão individualista e alheia às questões sociais (Freire, 1988); para a utopia de uma criação grupal temporária e rarefeita (Schmidt, 2011); e para a condição intuitiva, desprendida de uma consciência de si, irracionalista, destituída de rigor científico (Figueiredo, 1991). Tais manifestações estão embasadas em posições filosóficas e sociológicas sólidas, mas parecem não ter entendido as circunstâncias, as demandas, e os propósitos que levaram às intervenções grupais.

Assim, as considerações de Fonseca (1988) basearam-se na teoria crítica da Escola de Frankfurt; Freire (1988) e as de Moreira (2007) no pensamento marxista; as de Schmidt (2011) na hermenêutica de Paul Ricoeur; e as de Figueiredo (1991) no intuicionismo e vitalismo bergsoniano. Faltou a essas considerações uma revisão do contexto circunstancial e histórico das demandas que levaram aos grupos terapêuticos e das investigações científicas que os acompanharam ao longo de tempo.

Este estudo destaca três momentos da trajetória das intervenções grupais rogerianas, para então identificar as suas características, semelhanças e diferenças. Os momentos destacados são: a proposta grupal procedente do aconselhamento psicológico não diretivo (1940-1947); o desenvolvimento de práticas grupais oriundas da terapia centrada no cliente (1947-1963); e a emergência dos grupos de encontro e dos workshops ou comunidades centradas na pessoa (1963-1987). Com base nestas informações históricas, esclarece-se os equívocos comuns encontrados em críticas à abordagem e ressalta sua fundamentação científica, aplicabilidade, e pertinência social e comunitária.

Momento Seminal da Proposta Grupal Procedente do Aconselhamento Psicológico Não Diretivo

O livro *Counseling and Psychotherapy* (1942), traduzido como *Psicoterapia e Consulta Psicológica*, contém a primeira exposição de Rogers (1942/2005) sobre a sua perspectiva de aconselhamento psicológico, norteadas pelo que ele descreveu como *método não diretivo*.

Ao estabelecer o estado corrente do lugar do aconselhamento psicológico nos EUA, Rogers (1942/2005) expressa que esse método não requer maiores mediações diagnósticas e de avaliação/testagem psicológica. Seu objetivo é mudar as atitudes e comportamentos do cliente. O aconselhamento é caracterizado por entrevistas pontuais, com vistas a focar as experiências do cliente ante uma situação-problema que lhe provoca tensões. A psicoterapia é composta por um maior número de sessões para promover uma reorganização mais profunda da personalidade. Neste ímpeto, Rogers (1942/2005) lançou a hipótese de que uma relação de aconselhamento, conduzida pelo método não diretivo, produzia efeitos semelhantes aos da psicoterapia.

Rogers (1942/2005) aponta que uma relação de aconselhamento psicológico “*eficaz consiste numa relação permissiva, estruturada de uma forma definida, que permite ao paciente alcançar uma compreensão de si mesmo num grau que o capacita a progredir à luz de sua nova orientação*” (p. 17, *itálico do autor*). É nessa delimitação que o autor enfatiza a categoria de tratamento direto para salientar o aconselhamento como um modo de terapia que enfoca as expressões verbais e não verbais dos sentimentos e atitudes do indivíduo. Rogers (1942/2005) indica essa ideia como oriunda de outras práticas terapêuticas, como a ludoterapia, a arteterapia, a terapia de grupo e o psicodrama.

Rogers (1942/2005) alude ao psicodrama como um método que trabalha com a técnica de catarse. Esta consiste em um escoamento dos sentimentos retidos na pessoa e o psicodrama,

pela senda artística e criativa, atualizou esse procedimento. Conquanto ainda não tivesse uma ênfase grupal consolidada, ele se referiu ao psicodrama como uma abordagem que promovia contatos diretos entre terapeuta e cliente, mas não aprofundou esse apontamento.

Com a disseminação de sua proposta clínica, Rogers (1942/2005) ingressou na carreira universitária mediante a hipótese de que uma relação de aconselhamento produzia efeitos semelhantes à psicoterapia. Após uma estada na Universidade de Ohio, no período de 1942-1945, ele foi trabalhar na Universidade de Chicago, onde permaneceu até 1957. Nesse ínterim, Rogers formou dezenas de mestres e doutores que o auxiliaram em pesquisas clínicas (Castelo Branco, 2022).

Assim, destacam-se os trabalhos de aperfeiçoamento do método não diretivo e a formação de terapeutas nessa perspectiva, sobretudo, desde a implementação de um centro formativo na Universidade de Chicago e do trabalho com veteranos egressos da Segunda-Guerra Mundial (Rogers & Wallen, 1946/2000). Com o fim deste conflito, muitos soldados retornaram com problemas de desadaptação psicológica à sociedade estadunidense. Em uma política de reintegração dos veteranos à sociedade, o Governo fomentou a implantação de vários centros de aconselhamento psicológico nas universidades (McCarthy, 2014).

No Centro de Aconselhamento da Universidade de Chicago, Rogers e seus colaboradores desenvolveram atividades formativas de conselheiros não diretivos a fim de atender veteranos (Kirschenbaum, 2007). Na ocasião, Rogers nomeou sua abordagem interventiva como *aconselhamento centrado no cliente* e considerou uma implicação à esfera familiar pela terapia conjugal (Rogers & Wallen, 1946/2000).

Em 1947, Hadassah Peres (1925-2009), posteriormente nomeada como Hadassah Peres Ziskin, defendeu dissertação de mestrado sob a orientação de Rogers, com o título de *An investigation of a nondirective group therapy*. Prova-

velmente, este foi o primeiro trabalho que articulou o legado não diretivo e de pesquisa clínica de Rogers com a grupoterapia.

Em um artigo do seu mestrado, Peres (1947) indicou que o objetivo do seu estudo foi “determinar se havia alguma relação entre as expressões verbais dos membros de um grupo de terapia e o valor que eles recebiam de tal terapia, e descobrir se processos semelhantes aos da psicoterapia individual ocorriam no grupo¹” (p. 159, tradução do autor). Peres (1947) procedeu a uma análise objetiva e subjetiva das falas dos clientes e do terapeuta desde a gravação de seis sessões clínicas. A autora acena para a existência de três procedimentos de terapia grupal. O primeiro, chamado *método de classe*, consiste em reunir pessoas com dificuldades/problemas semelhantes, cabendo ao terapeuta explicar as causas e possíveis soluções para resolver isso. O segundo, intitulado *terapia da atividade*, intenta colocar os membros do grupo em interação para mudar suas personalidades. O terceiro, designado *terapia dentro de um grupo*, fomenta a ideia de que os participantes do grupo exponham seus problemas verbalmente e os discutam entre si.

Segundo Peres (1947), o terceiro procedimento grupal foi o mais empregado após a Segunda-Guerra Mundial, em razão da falta de psicólogos e psiquiatras para tratar individualmente os veteranos. Tal procedimento, ainda, foi o que demonstrou mais efetividade com amparo em resultados terapêuticos positivos. Logo, a autora propôs atrelar o método não diretivo à prática de *terapia dentro de um grupo*. Assim, desenvolveu sua pesquisa na Universidade de Chicago com um grupo composto por estudantes de pós-graduação interessados em aconselhamento e psicoterapia.

¹ The purpose of this study was to determine whether there was any relation between the verbal expressions of the members of a therapy group and the value which they received from such therapy, and to discover whether processes similar to those of individual psychotherapy occurred in the group.

Com a intenção de entender o processo grupal na perspectiva não diretiva, Peres (1947) iniciou o trabalho com a seguinte colocação:

Suponho que, como estudantes de pós-graduação, todos vocês estejam interessados em relações humanas. Vocês poderiam considerar se há quaisquer aspectos do seu trabalho, ou de suas relações com seus problemas profissionais, ou com sua vida social ou preocupações em quaisquer outras áreas que vocês gostariam de expor. É apenas uma questão de saber se há quaisquer preocupações que vocês estariam interessados em compartilhar com este grupo, e veremos onde isso leva². (pp. 160-161, tradução do autor)

Peres (1947) mapeou e categorizou as situações do grupo com base no que os participantes declaravam e nas respostas do terapeuta. Os resultados indicaram que os participantes estabeleceram como critério de valor os fatores de ser ajudado a atingir áreas oriundas de problemas individuais e de um participante auxiliar o outro nisso. Peres (1947) concluiu ser possível sustentar uma relação não diretiva em um grupo terapêutico e que este apresentava eficiência, desde que os seus participantes expressassem seus problemas e sentimentos interagindo entre si. Mais do que a resolução de problemas, os membros perceberam mudanças pessoais durante o processo grupal.

A proposta terapêutica grupal de Peres (1947) seguiu, portanto, o escrutínio de pesquisas clínicas coordenadas por Rogers (Castelo Branco, 2022; Rogers & Dymond, 1954). Observa-se que a manifestação da terapia grupal

fundamentada pelo aconselhamento psicológico não diretivo não foi elaborada diretamente por Rogers e se tratou de um trabalho com intenções formativas e interventivas.

Momento de Desenvolvimento de Práticas Grupais Oriundas da Terapia Centrada no Cliente

Como diretor do Centro de Aconselhamento da Universidade de Chicago e presidente da Associação Americana de Psicologia em 1947, Rogers (1947/2020b) demonstrou interesse nos fenômenos clínicos relacionados à mudança de personalidade na psicoterapia. Com base na premissa de que problemas de desajustamento psicológico estão correlacionados com a desorganização do *self*, Rogers (1947/2020b) propôs um modelo clínico centrado na personalidade do cliente, com o objetivo de compreender sua dinâmica e promover sua reorganização.

Em termos operacionais, a partir dos aportes teóricos de Rogers (1951/1992), o *self* pode ser definido como a percepção e conceituação de si, composta por representações e valores derivados das experiências vivenciadas e simbolizadas pelo indivíduo. As experiências retidas e suas simbolizações organizam-se em um campo fenomenológico, permitindo o discernimento da realidade e fornecendo um senso de centralidade diante de um mundo em constante transformação. A expressão do *self* no ambiente manifesta-se como comportamento, orientado por metas de autorrealização e acompanhado de emoções que variam conforme as experiências vividas. A partir das interações entre essas experiências internas e dados externos – incluindo experiências de outros indivíduos e normas sociais e culturais –, o *self*, ou personalidade, emerge como uma percepção total de si, dos outros e do mundo.

Com base nisso, Rogers (1951/1992) propõe examinar clinicamente se as experiências do cliente estão: (a) simbolizadas conforme o *self*; (b) sendo ignoradas em função de alguma discrepância com o que foi organizado no *self*; (c) distorcidas quando incoerentes com a estrutura do *self*. Para proporcionar uma superação desses

² I suppose that as graduate students all of you are interested in human relationships. You might consider whether there are any aspects of your work, or of your relationships to your professional problems, or to your social life or concerns in any other areas that you would care to bring out. It's just a question of whether there are any concerns that you would be interested in sharing with this group, and we'll see where that leads.

desajustamentos psicológicos e modos defensivos de contatar a experiência, o autor postula que, sob condições não ameaçadoras ao cliente, suas simbolizações incoerentes podem ser contatadas, percebidas e (re)examinadas. Esse processo possibilita uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas de organização e desorganização do *self*.

Rogers (1946/2020a) nomeou a sua proposta como *terapia centrada no cliente*. Ao coordenar um programa de pesquisas clínicas naquela Universidade, ele sumariou variadas pesquisas sobre o método não diretivo. Desenvolveram-se, então, procedimentos de aconselhamento e psicoterapia, implicados à clínica e a outras relações interpessoais, e estudos sobre o comportamento do terapeuta não diretivo (Gordon et al., 1954).

Como desdobramento da hipótese de que a relação de aconselhamento produziria efeitos equivalentes à relação psicoterápica quando orientada pelo método não diretivo (Rogers, 1942/2005) – presunção posteriormente corroborada por evidências empíricas (Rogers & Dymond, 1954) –, Rogers (1951/1992, 1961/2009) não estabeleceu distinções substanciais entre os processos de psicoterapia e de aconselhamento, desde que fundamentados em sua proposta clínica.

É nesse cenário que emergem algumas aplicações e implicações da terapia centrada no cliente às esferas grupais. Em especial, destaca-se Thomas Gordon (1918-2002), um ex-veterano de guerra e orientando de Rogers, nas universidades de Ohio (mestrado) e Chicago (doutorado). Gordon se interessou pelos estudos de formação em liderança organizacional com base nas habilidades comunicacionais e resolução de conflitos grupais (Gordon Training International, 2025).

Durante o mestrado, Gordon auxiliou Rogers na coordenação dos trabalhos de aconselhamento com veteranos que retornavam da guerra. Nesse período, ele conheceu os Grupos de Treinamento (*T-Groups*), concebidos por Kurt Lewin (1947), e interessou-se por esse modelo de dinâmica grupal, chegando a rea-

lizar uma formação com seguidores de Lewin no *National Training Laboratory Institute*, em Bethel, Maine (Kirschenbaum, 2007). Kurt Lewin fundou o *Research Center for Group Dynamics* (RCGD) no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), em 1945. Com a morte de Lewin em 1947, o RCGD se transferiu para a *University of Michigan* (UM) por sua tradição de pesquisa em ciências sociais, iniciando suas atividades na nova sede em 1948 (Frantilla, 1998). Foi neste contexto que se desenvolveram-se os Grupos de Treinamento (*T-Groups*) lewinianos, citados por Rogers (1970/2002) como influentes em sua prática.

No livro *Terapia Centrada no Cliente* (1951), Rogers (1951/1992) mostra o contexto de elaboração de sua proposta, desde os trabalhos de aconselhamento até psicoterapia, e suas implicações para os trabalhos com adultos, crianças e grupos terapêuticos. A obra inclui ainda dois capítulos escritos por colaboradores de Rogers que atuavam com grupos: “Liderança e administração centradas no grupo”, de Thomas Gordon (1951/1992); e “Psicoterapia centrada no grupo”, de Nicholas Hobbs (1951/1992).

Gordon (1951/1992), em seu opúsculo, levanta a possibilidade de aplicar com a mesma eficácia a prática da psicoterapia individual centrada no cliente à liderança de grupos e à administração de organizações, ou seja, em contextos grupais e fora do ambiente clínico. Observa-se, nesse ponto, a influência dos Grupos de Treinamento lewinianos em sua proposta. O autor destaca que a atitude do líder impacta o grupo por meio da capacidade de criar uma atmosfera permissiva e de adotar uma postura compreensiva e de aceitação, influenciando significativamente os participantes.

Gordon (1951/1992) define o grupo como a interação de duas ou mais pessoas que estabelecem uma relação psicológica entre si. Essa interação ocorre inicialmente por meio de tensões, caracterizadas por instabilidade e desequilíbrio entre os membros, o que indica que o grupo funciona como um sistema dinâmico em que alterações em uma parte afetam a totalidade. Para reduzir essas tensões, surge um movimen-

to de adaptação por parte dos participantes, que impacta o grupo na totalidade. Esse movimento adaptativo ocorre quando os membros utilizam plenamente suas potencialidades, colocando-as a serviço do grupo. Como resultado, o grupo alcança um grau de harmonia interna, produtividade e autodirecionamento, tornando-se adaptativo ao ambiente, desde que lhe sejam proporcionadas condições adequadas.

A elegante descrição apresentada por Gordon (1951/1992) ressalta a importância do líder, ou facilitador de grupo, que não impõe direcionamentos ou objetivos aos membros, evitando gerar dependência, mas cria condições para utilizarem suas potencialidades na resolução de problemas e no desenvolvimento do grupo. O líder mais eficaz é aquele que promove a formação do grupo, mesmo que, ao longo do processo, perca sua função central de liderança, a qual é distribuída entre os participantes. Nessa liderança centrada no grupo, o líder abdica de objetivos pessoais sobre a condução do grupo e confia nas tendências e iniciativas do próprio grupo para definir caminhos e resolver conflitos. Por suas características, as atitudes desse líder se assemelham às do terapeuta centrado no cliente.

Segundo Gordon (1951/1992), o líder do grupo tem a função de facilitar a participação coletiva nas tomadas de decisão, criar um ambiente em que todos os participantes possam se comunicar livremente, gerar um clima psicológico não ameaçador e atuar com empatia e calor humano. Cabe-lhe também dar atenção às expressões dos participantes, compreender seus sentidos e intenções, transmitindo aceitação, além de estabelecer conexões entre as manifestações dos membros, de modo a compreender o que ocorre no campo perceptivo de cada um e como os demais reagem a isso. Por fim, o líder deve fomentar que essas funções sejam gradualmente assumidas pelos próprios membros do grupo.

Com base em uma análise de conteúdo das gravações de sessões grupais, Gordon (1951/1992) evidencia que a liderança centrada no grupo produz efeitos positivos nos participantes, que se tornam mais aceitos uns pelos outros, mais seguros, confiantes e espontâneos,

além de menos defensivos e retraídos. O autor ressalta, contudo, que essa prática grupal, embora inicialmente centrada no *self*, evolui para uma participação centrada no grupo. Assim, ao longo do processo, os participantes passam a responder menos às necessidades e tensões interiores momentâneas da relação intragrupal e se concentram nos direcionamentos e no desenvolvimento do grupo como um todo. Dessa forma, em estágios avançados, o grupo torna-se menos dependente do líder, alcançando maior autonomia e autodireção.

Nicholas Hobbs (1915-1983) foi outro colaborador de Rogers. Durante a Segunda Guerra Mundial, Hobbs dirigiu um programa de pesquisa em Psicologia da Aviação e ao retornar, tornou-se doutorando de Rogers na Universidade de Ohio, onde concluiu sua tese em 1946. Posteriormente, tornou-se diretor do *Clinical Psychology Program at the Teachers College*, da Universidade de Columbia até 1950, seguindo depois para outras universidades (Smith, 1985). Em uma abordagem voltada ao processo terapêutico grupal em contexto clínico, Hobbs (1951/1992) argumenta que a psicoterapia centrada no grupo apresenta semelhanças e diferenças em relação à prática psicoterapêutica individual desenvolvida por Rogers. A semelhança reside na concepção de que a organização da personalidade influencia os comportamentos, e que o foco da terapia é a reorganização da personalidade. A diferença, por sua vez, está no fato de que a psicoterapia individual se concentra na relação entre duas pessoas (terapeuta e cliente), enquanto no contexto grupal o processo ocorre na interação entre múltiplos participantes.

Hobbs (1951/1992) destaca que sua prática terapêutica surgiu a partir de estudantes universitários que apresentavam insatisfações na vida, decorrentes de discrepâncias entre a percepção de si mesmos e suas aspirações. Entre os exemplos citados estão uma mulher enfrentando dificuldades em relação ao marido falecido na guerra e um homem que desejava seguir a carreira docente, mas tinha dificuldades para se expressar diante dos outros. Em suma,

Um objetivo importante foi descobrir maneiras eficientes de trabalhar com o grande número de pessoas essencialmente normais que perderam o gosto pela vida, que removem silenciosamente seus problemas, que pagam um alto preço em energia extra por suas realizações e que têm um imenso potencial para responder à assistência. (p. 321)

Assim, Hobbs (1951/1992) demonstra sua prática interventiva desde a transcrição da primeira sessão de uma grupoterapia com seis estudantes universitários. Essa demonstração está creditada como a republicação de um artigo do autor, em 1949, no *Journal of the National Association of Deans of Women*. A partir da análise de excertos clínicos, Hobbs (1951/1992) observa que os participantes estabelecem relações com o grupo e entre si a partir de suas personalidades, mas apresentam dificuldades em trazer e compartilhar problemas pessoais. Nessa perspectiva, cabe ao terapeuta adotar uma postura de aceitação, confiança e respeito, de modo a reduzir defesas durante a exposição de questões pessoais.

No entanto, continua Hobbs (1951/1992), não basta apenas que o terapeuta aceite e compreenda os problemas de um participante, sendo necessário que os demais também expressem suas reações ao que é compartilhado no grupo. Essa dinâmica distingue a psicoterapia grupal da individual, pois o sentido e a singularidade de cada participante entram em interação com os sentidos e singularidades dos outros. Esse processo permite que os membros do grupo entrem em contato com suas experiências, expressem-nas e escutem as percepções alheias, promovendo uma reconstituição dos campos perceptivos individuais em relação a si mesmos e aos demais. Os conteúdos das experiências dos participantes são reconhecidos e valorizados pelo terapeuta, que facilita sua expressão no grupo e estimula os outros membros a compartilharem suas próprias experiências e reações.

Assim como na terapia centrada no cliente (Hobbs, 1951/1992), a psicoterapia centrada no grupo pressupõe que a relação seja estabeleci-

da em um clima de confiança entre os membros e no contexto terapêutico, esperando-se que os participantes expressem reações de aceitação e compreensão dos sentimentos alheios. Qualitativamente, essa experiência é mais intensa do que na psicoterapia individual, uma vez que os compartilhamentos ocorrem de forma mais interativa entre os membros do que entre terapeuta e cliente. Consequentemente, os conteúdos e sentimentos individuais compartilhados contribuem para um propósito grupal, orientado pela coesão desses elementos. Dessa forma, a situação terapêutica grupal promove a adequação dos participantes às relações interpessoais, oferecendo uma oportunidade imediata de interação que permite examinar e redefinir o *self*, em um contexto no qual cada pessoa aprende a dar e a receber apoio emocional.

Hobbs (1951/1992) aponta que a constituição de um *setting* psicoterapêutico grupal necessita de espaço amplo, confortável e sigiloso. Os membros são selecionados a partir de afinidades de personalidade ou problemas em comum e idades parecidas. O autor sugere pelo menos um encontro semanal, com início e término do processo definido pelo próprio grupo.

No que se refere à pesquisa sobre o processo grupal, Hobbs (1951/1992) utilizou um delineamento quase-experimental, combinando autorregistros (diários) e autoavaliações escritas pelos participantes antes do início da terapia grupal e ao término das sessões. Dois meses após o encerramento do grupo, o autor realizou entrevistas e analisou quantitativamente as respostas para verificar se a experiência grupal havia promovido alterações na personalidade dos participantes, obtendo resultados positivos. Por fim, ao abordar estudos empíricos sobre psicoterapia grupal no referencial rogeriano, ele observa a escassez de publicações e destaca o estudo pioneiro de Peres (1947) sobre a efetividade da terapia grupal nesse referencial.

Ainda em 1951, Rogers proferiu a palestra intitulada *O tratamento de perturbações na comunicação interpessoal e intergrupos* no Congresso Centenário sobre as Comunicações, realizado na *Northwestern University*. A transcrição

dessa apresentação foi posteriormente publicada no livro *Tornar-se Pessoa* (1961), no qual Rogers (1961/2009) reconhece o texto como um dos primeiros que redigiu sobre o assunto.

Para Rogers (1961/2009), a gênese dos conflitos interpessoais e intergrupais está essencialmente relacionada às avaliações – aprovações ou desaprovações – sobre o conteúdo e a forma da comunicação. Neste sentido, o autor aponta caminhos para superar problemas de comunicação: demonstrar coragem para se expressar e ouvir o outro; identificar as próprias emoções que emergem, especialmente aquelas provocadas pelo outro; e “suspender as suas próprias reações e juízos de valor, pode prestar um grande auxílio, ao ouvir compreensivamente cada um dos indivíduos ou dos grupos e esclarecer as perspectivas e atitudes que cada um assume” (p. 386-387).

Cabe, portanto, ao terapeuta atuar como um tipo de moderador compreensivo e catalisador das falas e emoções que expressam os obstáculos em um grupo. Rogers (1961/2009) acreditava que:

A solução é fornecida pela criação de uma situação em que cada uma das partes atinja a compreensão da outra, a partir do ponto de vista *da outra*. Isso pode ser conseguido na prática, mesmo quando os sentimentos são intensos, por meio da influência de uma pessoa que procura compreender cada um dos pontos de vista com empatia e que, nesse caso, atua como catalisador para precipitar a ulterior compreensão. . . . Parece tratar-se de uma solução experimental para as rupturas da comunicação que se registram em pequenos grupos. (p. 389-390, *itálicos do autor*)

Apesar do título do texto e das orientações aos trabalhos de Peres, Gordon e Hobbs, nesse escrito Rogers (1961/2009) não aprofunda a temática da terapia grupal. O autor restringe suas reflexões sobre perturbações na comunicação intergrupal a exemplos de conflitos geopolíticos entre EUA e Rússia, enquanto sua abordagem sobre a comunicação interpessoal baseia-se nos achados de pesquisa na psicoterapia individual centrada no cliente.

Ainda atinente ao ano de 1951, merece menção a figura de Max Pagès (1926-2018), filósofo e psicólogo francês que conheceu o trabalho de Rogers por meio da leitura de *Psicoterapia e Consulta Psicológica* (1942) e realizou uma curta estada com ele durante um estágio pós-doutoral de um trimestre na Universidade de Chicago. Em entrevista concedida a Florence Giust-Desprairies (2008), Pagès relata que o aconselhamento não diretivo o levou até Rogers, mas observou que os trabalhos grupais do autor se restringiam à interação de indivíduos em um contexto universitário, sem representar a sociedade e seus problemas em sua totalidade. É possível que Pagès tenha formulado essa percepção com base nos estudos de Gordon (1951/1992), Hobbs (1951/1992) e Peres (1947).

Assim, embora reconhecesse que a essência do trabalho grupal de Rogers naquela época consistia em identificar as diferenças entre os participantes e promovê-las na interação grupal, Pagès observou que a proposta rogeriana permanecia individualista e clínica, carecendo de expansão para uma Psicologia Social (Florence Giust-Desprairies, 2008). Essa crítica motivou a elaboração da obra *L'orientation non directive en psychothérapie et en psychologie sociale* (Orientação Não Diretiva em Psicoterapia e Psicologia Social), na qual Pagès (1955/1976) desenvolveu possibilidades de aplicação da abordagem a fenômenos sociais, incorporando influências da Psicanálise, do Marxismo e da Fenomenologia-Existencial. Dessa forma, Pagès pode ser considerado um dos primeiros críticos das terapias grupais rogerianas.

No que concerne à publicação do livro *Psychotherapy and Personality Change* (1954), que reúne delineamentos, métodos e instrumentos de pesquisa utilizados por Rogers e seus colaboradores para validar a terapia centrada no cliente (Rogers & Dymond, 1954), destaca-se o capítulo de Gordon e Desmond Cartwright (1954), que investigou a prática de liderança centrada no grupo. Os autores focalizaram a medição dos vínculos de dependência do grupo em relação à autoridade do líder e à capacidade deste de abdicar gradualmente dessa autoridade

ao longo do processo grupal. Concluíram que os efeitos de uma terapia centrada no cliente bem-sucedida incluem a redução da dependência da autoridade, o aumento da capacidade de valorização e respeito por si mesmo, estendendo-se também aos demais participantes, resultando em um ambiente democrático.

O estudo conduzido por Gordon e Carthwright (1954) empregou o Inventário de Sentimentos de David Jenkins, concebido para medir graus de dependência à autoridade e resistências do líder em aceitar valores e ideias determinados pelo grupo. Alguns itens desse Inventário foram combinados com itens das escalas de: Atitudes Eu-Outro; Etnocentrismo; Conservadorismo Político-Econômico; Fascismo; Dependência Autoritária; Aceitação de Diferenças de Opinião; Aceitação de Meios e Métodos Democráticos; Desejo de Mudar os Outros. Como exemplo, seguem alguns itens que mediram os efeitos indicados:

62. Opiniões divergentes devem ser consideradas uma contribuição valiosa para a solução de um problema pelo grupo . . .

63. Quando surgem problemas disciplinares em um grupo, geralmente é necessário abandonar os procedimentos democráticos . . .

65. Em casos de desacordo entre os membros do grupo, o líder deve ser o juiz ou árbitro final. (p. 174, tradução do autor)

Gordon e Carthwright (1954) concluem que os clientes atendidos no referencial centrado no cliente se tornam pessoas mais aceitadoras de si e do outro. O aumento da capacidade de se abrir para a experiência implica em atitudes mais democráticas, avessas às posturas extremistas e antidemocráticas.

Ainda no mesmo livro, consta um capítulo que menciona o emprego de um instrumento de medição de atitudes etnocêntricas, por entendê-las como uma dificuldade interpessoal nas terapias individuais e grupais. Nesse sentido, o autor do capítulo, Rolland Tougas (1954), descreve a realização de uma pesquisa com grupos terapêu-

ticos de orientação rogeriana e sullivaniana, utilizando a *California Scale of Ethnocentrism* para avaliar a relação entre dimensões personalistas etnocêntricas e traços de autoestima e autoconfiança. Neste quesito, ele observou que ambas as grupoterapias não apresentavam diferenças em suas faixas de efetividade e que as evidências obtidas indicam que o grau de etnocentrismo presente em um cliente é um fator prognóstico de sucesso ou fracasso terapêutico. O estudo conclui que atitudes etnocêntricas são amplamente difundidas na população e que sua influência nas relações interpessoais e grupais não é benéfica.

Com base nos trabalhos realizados na Universidade de Chicago, Rogers foi convidado por Sigmund Koch (1959) a sistematizar sua teoria e prática, divulgando-as em uma coleção organizada por ele. Nesse contexto, Rogers (1959/1977) publicou o abrangente texto *A Theory of Therapy, Personality, and Interpersonal Relationships, as Developed in the Client-centered Framework*, que apresenta as microteorias sobre a *direção de grupos de liderança (leadership)* e a *resolução de tensões e conflitos de grupos* na macroteoria das relações humanas. Ambas as microteorias abordam aplicações, explicações e implicações da teoria da psicoterapia e remetem às práticas terapêuticas grupais desenvolvidas por Gordon e Hobbs (Rogers, 1959/1977).

No que se refere à teoria da psicoterapia, Rogers (1959/1977) define seis condições clínicas para a mudança de personalidade, resumidas da seguinte forma: o terapeuta e o cliente estabelecem uma relação de contato psicológico em que ambos se afetam; o cliente vivencia um estado de incongruência ao nível de ansiedade ou vulnerabilidade; o terapeuta sustenta e expressa atitudes de congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática em relação ao cliente; este percebe que o terapeuta procura comunicar essas atitudes de consideração e empatia.

Com base nessas condições, Rogers (1959/1977) amplia as implicações de sua teoria para as esferas das relações humanas, incluindo família, educação e aprendizagem, direção de grupos de liderança e resolução de conflitos intergru-

pais. Segundo o autor, os fatores que prejudicam essas relações – especialmente em contextos de terapia grupal – estão relacionados a problemas de contato parcial entre os participantes, incongruência entre alguns deles ou entre todos, e ausência de consideração positiva incondicional e compreensão empática por, pelo menos, uma pessoa envolvida. A resolução desses problemas interpessoais depende da aplicação adequada das seis condições previamente descritas, exercidas entre os envolvidos, sobretudo em grupos de liderança e terapias grupais.

Sobre os efeitos nos grupos de liderança, ou liderança centrada no grupo, Rogers (1959/1977, p. 222) indica: que “o grupo fará um uso mais completo de seus recursos perceptuais (de sua capacidade de apreender a realidade)”; que “estes esforços resultarão em dados mais diferenciados”; que “o pensamento e as percepções do grupo serão mais realistas”; que “a responsabilidade do grupo crescerá, tanto no campo do pensamento quanto no da ação”; que “a direção tenderá a se distribuir entre os membros do grupo”; e “o grupo se revelará capaz, de abordar e de resolver problemas mais complexos”.

No que remete à teoria da resolução de tensões e conflitos de grupos, Rogers (1959/1977) recomenda mais pesquisas acerca desse sistema, sobretudo, porque os seus dados de pesquisa, práticas e teorizações da terapia grupal procedem de pequenos grupos. Assim ele diz que “do ponto de vista social, a importância de investigações sobre esta ordem de problemas é realmente fundamental, principalmente no que se refere aos conflitos sociais de maior extensão” (p. 224). Percebe-se, neste trecho, que Rogers pareceu considerar a crítica de Pagès anteriormente mencionada.

Entre 1957 e 1963, Rogers trabalhou na Universidade de Wisconsin, onde investigou a eficiência da terapia centrada no cliente na promoção de mudanças de personalidade em pessoas diagnosticadas com esquizofrenia (Castelo Branco, 2022). Das duas obras organizadas e publicadas por Rogers em 1967, que se referem a esse período somente uma menciona um grupo de esquizofrênicos, não como clientes em tera-

pia grupal, mas como um grupo social de indivíduos com esse diagnóstico (Rogers, 1967/1976). Essa perspectiva possivelmente decorre das dificuldades relatadas por Rogers e sua equipe em atender esse público na psicoterapia individual, além dos resultados insatisfatórios obtidos em relação à mudança de personalidade em pacientes esquizofrênicos por meio da terapia centrada no cliente (Rogers et al., 1967).

Destarte, Rogers aposentou-se da vida universitária em 1963, encontrando-se desgastado pelas relações institucionais com o Departamento de Psicologia da Universidade de Wisconsin e insatisfeito com a rigidez da instituição no processo seletivo e formativo de mestres e doutores em sua abordagem de psicoterapia. Fora do contexto acadêmico e dos constantes escrutínios científicos, suas ideias começaram a se popularizar, permitindo que circulasse em ambientes mais receptivos à sua proposta relacional. Isso o incentivou a buscar novos empreendimentos formativos e interventivos na Califórnia, onde desenvolveu sua abordagem nos âmbitos educacional, grupal e comunitário, em instituições fora da academia e mais flexíveis às suas proposições (Rogers & Russell, 2002).

Momento de Emergência dos Grupos de Encontro e dos *Workshops* Centrados na Pessoa (ou Comunidades Centradas na Pessoa)

Na Califórnia, entre as décadas de 1960 e 1970, consolidou-se um movimento cultural marcado pelo investimento em práticas grupais intensivas. Essas práticas eram concebidas como meio de crescimento e desenvolvimento humano a partir de relações interpessoais intensas. Esse contexto influenciou Rogers, fortalecendo sua crença no potencial humano de desenvolvimento (O'Hara, 2013).

Em 1963, Rogers mudou-se para a Califórnia e passou a atuar como colaborador associado no Instituto Ocidental de Ciências do Comportamento. O convite partiu de seus ex-estudantes Richard Farson e Thomas Gordon. A proposta

era discutir novos paradigmas científicos como alternativa ao positivismo (Kirschenbaum, 2007).

O instituto apresentava maior abertura e flexibilidade em comparação às universidades em que Rogers havia atuado. Em 1968, ele conduziu um experimento de treinamento em liderança. No mesmo ano, transferiu essa prática para o *La Jolla Program* (O'Hara, 2013). Nesse contexto, buscava formar terapeutas a partir da abordagem centrada no cliente. Essa proposta articulava os campos clínicos, educacionais, familiares e grupais, sem restringir-se à formação de psicólogos (Wood, 2013). Em 1970, a prática grupal foi institucionalizada no *Center for the Studies of the Person*, criado por Rogers a partir do *La Jolla Program*. Nessa instituição, ele formou profissionais em sua abordagem relacional, tanto em pequenos grupos quanto em grandes grupos, concebidos semelhantemente a comunidades (O'Hara, 2013).

Inicialmente, os grupos de encontro tinham como finalidade o treinamento de terapeutas na perspectiva relacional. Posteriormente, passaram a incluir também participantes sem finalidade formativa (Wood, 2013).

Em entrevista a Richard Evans (1975/1979), Rogers comentou a tendência da época de buscar modelos de ajuda fora da psicoterapia individual. Reconheceu que as terapias grupais se desenvolviam como alternativa satisfatória. Sua proposta recebeu a denominação de grupos de encontro. Essa prática visava favorecer a comunicação entre as pessoas e possibilitar novas percepções de si a partir das interações grupais. Rogers também ressaltou a importância de formar facilitadores. Defendia que essa formação deveria integrar as atitudes eficazes da psicoterapia centrada no cliente, articuladas em uma filosofia das relações humanas.

Nesse cenário de trabalho, Rogers (1970/2002) publicou o livro *Grupos de Encontro*, no qual apresenta a gênese e a proposta dos grupos, seus objetivos, questões formativas, descrição do processo grupal, efeitos sobre os participantes, bem como as perspectivas filosóficas e políticas relacionais subjacentes. O autor discute ainda os

campos de aplicação desses grupos, todos fora da clínica, incluindo igrejas, instituições educacionais, indústria, governo, relações raciais e geracionais, além de tensões internacionais, e aponta possibilidades para o futuro.

Rogers (1970/2002) delimita as origens dos grupos de encontro, relacionando-os: aos Grupos de Treinamento (*T-groups*) de Lewin e ao grupo de Bethel, que aplicava essa proposta de dinâmica grupal desde 1947; ao trabalho desenvolvido na Universidade de Chicago, entre 1946 e 1947; ao treinamento de conselheiros voltados a veteranos da Segunda Guerra Mundial; e, finalmente, ao contexto californiano de experimentos sociais envolvendo práticas grupais.

Sobre os objetivos dos grupos de encontro, Rogers (1970/2002) estabelece que “Este pretende acentuar o crescimento pessoal e o desenvolvimento e aperfeiçoamento da comunicação e relações interpessoais, através de um processo experiencial” (p. 5). Os grupos de encontro consistem em práticas de imersão intensiva com 8 a 18 participantes, sem uma estrutura inicial definida. Os membros escolhem os objetivos e direcionamentos do grupo. Cabe ao líder facilitar a expressão de sentimentos e pensamentos, observando também a dinâmica grupal. O trabalho ocorre em um clima de segurança, que promove a liberdade de expressão e reduz defesas psicológicas.

Pela senda dos grupos de encontro e das reflexões derivadas de sua prática, Rogers (1970/2002) buscava formar terapeutas e repensar a facilitação grupal fora do modelo universitário de pesquisas clínicas, que já se mostrava saturado naquela época (Rogers & Russell, 2002). Isso abriu espaço para a emergência de novos colaboradores e para o desenvolvimento de novas formas de compreender o processo terapêutico, validar intervenções, estudar seus efeitos e capacitar pessoas interessadas na abordagem relacional rogeriana (O'Hara, 2013).

Do ponto de vista formativo, Rogers (1970/2002) resalta que já havia estabelecido uma teoria e prática consolidadas, partindo desses elementos para fundamentar sua proposta grupal. Por esse motivo, optou por apresentar os

grupos de encontro de forma mais naturalista e experiencial. Ele incorporou diversos aportes da Teoria das Relações Humanas para analisar as vinculações entre os membros do grupo, considerando aspectos como congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática (Rogers, 1959/1977).

Segundo Rogers (1970/2002), a filosofia e a política dos grupos de encontro, conforme a experiência do Programa de *La Jolla*, fundamentam-se na centralidade das relações entre pessoas. Essa abordagem valoriza o conhecimento e a experiência dos participantes, permitindo que expressem suas convicções e posicionamentos diante das situações. As imersões podem durar de uma a quatro semanas. Geralmente, os facilitadores possuem experiência na abordagem rogeriana e organizam inicialmente o grupo. Com o avanço do processo, os participantes passam a depender menos dos facilitadores, começam a desempenhar funções terapêuticas entre si e estabelecem os objetivos e direcionamentos do grupo. Finalmente, os facilitadores interagem com o grupo como participantes, sem exercer autoridade decorrente da função de liderança.

Além disso, Rogers (1970/2002) afirmou que os grupos de encontro não constituem um modo de vida, mas servem como ponto de referência para o relacionamento entre pessoas. Embora os grupos tenham início, desenvolvimento e término, as relações estabelecidas são consistentes, e seus efeitos são duradouros, estendendo-se para além da experiência grupal.

Conquanto tenha se aposentado da vida universitária e das pesquisas sobre a validade clínica da terapia centrada no cliente e suas aplicações grupais, essa lógica permaneceu nos grupos de encontro. Rogers (1970/2002) mencionou uma pesquisa que considerava fenomenológica, apoiada em questionários estruturados para analisar as percepções e significados de 500 participantes de um grupo. Nesse estudo, 481 pessoas responderam a perguntas sobre as influências da experiência do *workshop* no comportamento, na participação nos microgrupos, nas sessões gerais

e na percepção dos próprios sentimentos e dos sentimentos dos outros. Com base na leitura de todas as respostas, Rogers (1970/2002) concluiu que os grupos de encontro produzem efeito terapêutico positivo nos participantes. Ele destacou que essa abordagem de pesquisa empírica, ao investigar os significados da experiência de imersão grupal, é profícua para compreender as sutilezas terapêuticas do trabalho em grupo.

Ainda no contexto dos estudos sobre os grupos de encontro, destaca-se a pesquisa quase-experimental conduzida por Lieberman et al. (1973) na Universidade de Stanford. O estudo envolveu 200 estudantes de 18 a 22 anos, distribuídos em 18 grupos, que se reuniram por 12 semanas, totalizando 30 horas de imersão. Em paralelo, 69 estudantes foram monitorados, mas não participaram de grupos de encontro. Todos os participantes realizaram uma bateria de testes psicológicos antes do início do grupo, imediatamente após a conclusão e seis meses depois. Os instrumentos avaliavam mudanças possíveis em autoestima, discrepâncias entre experiência e idealizações do eu, atitudes interpessoais e valores, mecanismos de defesa, expressividade emocional, padrões de amizade e tomada de decisões.

Os resultados da pesquisa de Lieberman et al. (1973) mostraram semelhanças com a psicoterapia individual centrada no cliente, com a diferença de que os participantes dos grupos de encontro não eram clientes ou pacientes, mas indivíduos aparentemente saudáveis em busca de crescimento pessoal. Não houve avaliação de sintomas ou queixas durante a pesquisa. Os autores concluíram que os grupos de encontro demonstram efetividade semelhante à psicoterapia centrada no cliente, funcionando como meios para promover mudanças pessoais.

Em 1974, Natalie Rogers (1928-2015), filha de Carl Rogers e feminista ativista da paz mundial, convenceu o pai a formar uma equipe para viajar pelo mundo, divulgando os grupos de encontro como uma proposta de transformação individual capaz de gerar transformação social (O'Hara, 2013). Essa iniciativa serviu como

ponte para ampliar a proposta grupal na resolução de tensões sociais mais amplas.

Com a crescente popularidade do trabalho de Rogers, aumentou a demanda por sua participação, sendo solicitados grupos maiores e com maior tempo de imersão experiencial para aprender os princípios de sua abordagem. Além disso, solicitavam frequentemente a Rogers a facilitação de processos voltados à resolução de tensões intergrupais. Assim, os *workshops* centrados na pessoa, ou comunidades centradas na pessoa, foram se desenvolvendo (Kirschenbaum, 2007). Entre 1974 e 1975, seis *workshops* foram realizados, três na Califórnia e três em Oregon, Adirondacks e Nottingham, na Inglaterra (Rogers, 1980/1983).

No contexto dos estudos sobre grupos de encontro e *workshops*, Barrett-Lennard (1974/1979), ex-doutorando de Rogers, desenvolveu trabalhos de natureza racional e empírica (Barrett-Lennard et al., 1973) sobre os elementos experienciais, relacionais e comunicacionais que constituem o processo terapêutico grupal. O foco principal desses estudos estava nos aspectos formativos voltados à preparação de terapeutas centrados na pessoa.

Barrett-Lennard (2017) coordenou *workshops* voltados ao desenvolvimento pessoal e à formação de profissionais da área da saúde mental. Nesses *workshops*, ele descreve práticas inovadoras centradas na vivência grupal e no monitoramento dos processos interativos entre os membros. O autor também desenvolveu instrumentos reflexivos aplicados ao final de cada sessão, como o *End-of-Meeting Group Process Questionnaire* e o *Group Atmosphere Form*. Esses instrumentos tinham o objetivo de auxiliar os participantes na avaliação de suas experiências relacionais e emocionais no grupo, além de possibilitar a consolidação de significados após vivências intensas.

Diante do desenvolvimento de formações, intervenções e pesquisas terapêuticas grupais, a designação de *abordagem centrada no cliente* deixou de se aplicar plenamente às propostas rogerianas, pois o termo “cliente” estava fortemente vinculado aos anos de desenvolvimento

da clínica individual. Por essa razão, em 1975, Rogers e seus colaboradores passaram a utilizar a expressão *abordagem centrada na pessoa* (ACP) para designar seus trabalhos (Wood, 2013). A primeira formalização escrita dessa perspectiva encontra-se no livro *Sobre o poder pessoal* (1977), em que Rogers (1977/2001) esclarece:

Esse novo constructo teve uma influência poderosa sobre mim. Fez-me adotar uma visão renovada a respeito de meu trabalho, na vida profissional. Tive um papel ao iniciar a abordagem centrada-na-pessoa. Esta perspectiva desenvolveu-se primeiro no aconselhamento e na psicoterapia, em que foi conhecida como centrada-no-cliente, significando que uma pessoa que procurou ajuda não era tratada como um paciente dependente, mas como um cliente responsável. Aplicada à educação, foi denominada ensino centrado-no-aluno. Na medida em que essa abordagem progrediu em direção a uma ampla variedade de campos, longe de seu ponto de origem - grupos intensivos, casamento, relacionamentos familiares, administração, grupos minoritários, relacionamentos inter-raciais, interculturais e mesmo internacionais - parece melhor adotar-se um termo o mais amplo possível: centrado-na-pessoa. . . . Senti-me compelido a reavaliar todo o meu trabalho. Desejo perguntar quais são os efeitos políticos (no novo sentido de político) de tudo que eu e meus colegas, por todo o mundo, fizemos e estamos fazendo. (p. 14-15)

Para Rogers (1977/2001), a ideia de política é contrária ao uso de táticas de poder, direcionamento e controle por parte de instituições estaduais e governamentais. Refere-se à tomada de decisões baseada nos sentimentos, pensamentos e comportamentos de uma pessoa ou do grupo. A ACP, em sua prática interventiva grupal, implica reconhecer que cada indivíduo possui um poder pessoal que pode ser compartilhado ou renunciado em função de decisões que afetam os demais. A abordagem reconhece haver uma

base de poder nas experiências de cada pessoa, constituindo ponto de partida para transformações pessoais, interpessoais e sociais. Esse é o objetivo da proposta grupal rogeriana: promover o empoderamento pessoal e social.

No capítulo “Um workshop centrado-na-pessoa: Seu planejamento e realização”, Rogers (1977/2001) descreve e reflete sobre a experiência de implantação de um workshop realizado de 1 a 16 de agosto de 1975, no campus do *Mills College*, em Oakland, Califórnia. O objetivo era organizar um evento comunitário que funcionasse “. . . em torno de uma abordagem das relações humanas e do desenvolvimento humano, que reconheça que o potencial para aprender e o poder agir encontram-se dentro da pessoa” (p. 148).

O evento foi inicialmente concebido por Carl Rogers, Natalie Rogers e John Wood. Rogers (1977/2001) relata que a equipe convidou sete outros membros, divulgou o evento no *Center for the Studies of the Person* e em periódicos e boletins, e organizou a inscrição, chegada e estadia de 126 participantes interessados na imersão grupal. A proposta era reunir 136 membros com diferentes perfis educacionais, sociais, raciais, étnicos, etários e regionais, mas que compartilhassem a crença nos princípios da ACP.

A programação inicial do *workshop* foi mínima e provisória, consistindo em um calendário de cinco dias com atividades de inscrição, reunião da comunidade em auditório, encontros em pequenos grupos, períodos de descanso, recreação e reuniões sociais. Gradualmente, de um grupo desunido e desconhecido de 136 participantes, formou-se uma comunidade que passou a organizar outras atividades e calendários. Foram criados diversos grupos de interesse para discutir temas como os rumos da ACP, métodos de pesquisa humanistas, política, saúde, feminilidade, masculinidade, transições de vida, relações entre Gestalt-terapia e ACP e tomada de decisões (Rogers, 1977/2001).

Após o término do *workshop*, Rogers (1977/2001) observou que o grupo havia alcançado seu objetivo, e que as 136 pessoas passaram a assumir a responsabilidade pelos encami-

nhamentos e direcionamentos do evento. Dessa forma, a organização deixou de depender exclusivamente da equipe, que passou a circular entre os participantes como membros do grupo, trabalhando também suas questões pessoais. Essa lógica de *workshop* passou a ser difundida mundialmente, especialmente nos fóruns da ACP que seguem essa tradição (O'Hara, 2013).

Na obra *A Way of Being* (1980), traduzida como *Um Jeito de Ser*, no capítulo “A formação de comunidades centradas na pessoa: Implicações para o futuro”, Rogers (1980/1983) aprofunda sua visão sobre essa modalidade grupal. Ele distingue os *workshops* dos grupos de encontro, entendendo que os primeiros remetem a reuniões comunitárias capazes de comportar pequenos grupos, sejam de encontro ou de outra proposta emergente. Segundo o autor, os *workshops* são grupos grandes, variando de 50 a 800 participantes; temporários, com imersão baseada nos princípios da ACP; e funcionam como experimentos sociais. O trabalho da equipe organizadora não segue padrões ou hierarquias de liderança. Essas funções são compartilhadas com os participantes assim que o evento se inicia.

Nos *workshops*, segundo Rogers (1980/1983), os membros da equipe tornam-se livres para se expressar e se misturar com os participantes no grupo maior. Com início em um estado de caos, a individualidade evolui para a unidade. Embora as pessoas busquem independência e autossuficiência, na comunidade criada pelo *workshop* centrado na pessoa observa-se o oposto, fundamentado em comunicações e relações significativas.

Rogers (1980/1983) relata experiências de *workshops* centrados na pessoa com grupos em conflito, como militantes católicos e protestantes de *Belfast*, na Irlanda do Norte. Ele acredita que essas experiências grupais podem auxiliar na resolução de conflitos internacionais, promovendo encontros entre pessoas diferentes.

Para o expoente humanista, a ACP é, sobretudo, um jeito de ser orientado por um processo direcional da vida baseado na crença de que todos os seres humanos tendem ao crescimento e são dignos de confiança. Desvios dessa tendên-

cia podem gerar tensões e conflitos interpessoais e grupais. Ao reconectar-se com esse princípio, a ACP promove esse jeito de ser, que pode ser experimentado em *workshops*, grupos de encontro, psicoterapia e contextos educacionais. Eis a visão sociopolítica de Rogers (1980/1983).

Foi nessa concepção de ACP que Rogers e sua equipe viajaram pelo mundo, realizando *workshops* e grupos de encontro para testar e demonstrar essas práticas. O objetivo era solucionar tensões internacionais ou possibilitar encontros entre grupos com filiações políticas conflitantes, como exemplifica Rogers (1979). Em reconhecimento a esse trabalho, ele foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz, em 1987. Infelizmente, Rogers recebeu a notícia enquanto estava em coma e faleceu antes da premiação, que foi concedida a Óscar Rafael de Jesús Arias Sánchez, presidente da Costa Rica (Barfield, 2010).

Alguns Pontos de Discussão e Inferências sobre as Propostas Interventivas Grupais Oriundas de Carl Rogers

Primeiro Ponto

O marco inicial da proposta terapêutica grupal rogeriana situa-se em 1940, quando Rogers (1942/2005) apresentou sua palestra sobre o método não diretivo de aconselhamento psicológico e psicoterapia. Esse período se estende até os trabalhos de treinamento de conselheiros para atuar com veteranos da Segunda Guerra Mundial e à proposta de grupoterapia não diretiva de Peres (1947). Assim, o momento seminal da abordagem abrange o período de 1940 a 1947.

O momento de desenvolvimento de práticas grupais derivadas da terapia centrada no cliente, aqui denominada grupoterapia centrada no cliente, abrange os anos de 1947 a 1963. Inicia-se com a constatação de que o objeto de estudo e intervenção da psicoterapia seria a personalidade e sua reorganização (Rogers, 1947/2020b). Esse período inclui a aplicação da terapia centrada no cliente a práticas grupais e pesquisas sobre sua eficácia, e se encerra com a aposentadoria de Rogers da carreira universitária.

O momento de consolidação dos grupos de encontro e *workshops* centrados na pessoa, também chamados de comunidades centradas na pessoa, vai de 1963, quando Rogers se mudou para a Califórnia, até 1987, ano de seu falecimento.

Segundo Ponto

A aplicação de uma proposta clínica à dinâmica grupal já existia desde o método não diretivo de aconselhamento psicológico (Peres, 1947) e no desenvolvimento da terapia centrada no cliente (Gordon, 1951/1992; Hobbs, 1951/1992). Inicialmente, eram os colaboradores de Rogers que escreviam e sistematizavam a teoria, a prática e a pesquisa das terapias grupais, orientadas por sua abordagem clínica. Rogers (1959/1977, 1961/2009) somente tecia teorizações e reflexões sobre essas práticas. No terceiro momento, a partir da obra *Grupos de Encontro* (1970), ele propõe sua terapêutica grupal a partir de sua perspectiva pessoal, e não mais apenas com base na pesquisa de seus colaboradores. Originada do psicodrama (Rogers, 1942/2005), a ideia seminal de uma terapia que promova contatos relacionais diretos, com ênfase em expressões emocionais e sentimentais (catarse), foi desenvolvida em todos esses referenciais rogerianos.

Terceiro Ponto

Com base no desenvolvimento dos trabalhos grupais rogerianos, observa-se a influência de Gordon baseados nos argumentos descritos a seguir.

1. Rogers (1970/2002) remete a gênese dos grupos de encontro ao período de construção de práticas grupais, especialmente pelos *T-groups* e pelo grupo de Bethel.
2. Ele trabalhou com Gordon no treinamento de conselheiros em atendimento a veteranos.
3. Gordon havia se formado na perspectiva lewiniana com o grupo de Bethel (Gordon Training International, 2025), possivelmente trazendo essas influências a Rogers.
4. Gordon (1951/1992) foi um dos propositores da liderança centrada no grupo.

5. Ele também viabilizou a estada de Rogers no Instituto Ocidental de Ciências do Comportamento (Kirschenbaum, 2007), onde ocorreu seu primeiro experimento grupal de treinamento de liderança, culminando nos grupos de encontro do Programa de *La Jolla* (O'Hara, 2013).
6. Inicialmente, esses grupos focavam na formação de líderes, chamados de facilitadores (Rogers, 1970/2002); só depois foram abertos ao atendimento de pessoas (Wood, 2013).
7. Com efeito, infere-se que os trabalhos de Gordon influenciaram os grupos de encontro, ainda que Rogers (1970/2002) não os mencione diretamente.

Quarto Ponto

No terceiro momento narrado, Rogers não se interessava mais pela psicoterapia individual nem pela clínica da mudança de personalidade. O *self* deixou de ser o objeto de estudo da ACP. Esta, em suas práticas grupais, passou a focar no crescimento pessoal, apoiado em relações interpessoais e na comunicação de sentimentos e pensamentos. Assim, infere-se que as práticas terapêuticas voltadas à reorganização da personalidade, como as desenvolvidas por Hobbs (1951/1992) e Peres (1947), não tiveram influência determinante nos grupos de encontro e *workshops* centrados na pessoa. Esses *workshops* também buscavam promover transformações sociais, por meio da resolução de conflitos intergrupais.

Quinto Ponto

Infere-se que os grupos de encontro e *workshops* centrados na pessoa se fundamentam em dois elementos principais: (a) as ideias contidas no ensaio que Rogers (1961/2009) escreveu sobre *O Tratamento de perturbações na comunicação interpessoal e intergrupos*, derivadas de uma palestra proferida em 1951; e (b) na teoria das relações humanas, incluindo microteorias sobre direção de grupos, liderança e resolução de tensões e conflitos (Rogers, 1959/1977).

Sexto Ponto

Rogers pareceu, ao seu modo, considerar e responder às críticas de Pagès (1955/1976), que apontava suas práticas terapêuticas grupais como individualistas e pouco voltadas ao social. Ainda assim, Rogers (1977/2001) manteve a convicção de que a transformação social decorre de mudanças individuais promovidas por uma imersão grupal.

Sétimo Ponto

Com base nos elementos expostos, é possível delinear as principais características e distinções das propostas terapêuticas grupais rogerianas. Os grupos terapêuticos de Hobbs (1951/1992) e Peres (1947) eram voltados para a clínica, respectivamente, do aconselhamento e da psicoterapia centrados no cliente, e focavam na reorganização da personalidade. A proposta de Gordon (1951/1992) enfatizava a formação de líderes ou facilitadores da abordagem de Rogers e tinha implicações além da clínica, ainda que concebida nesse contexto. Os grupos de encontro não foram inicialmente planejados para a clínica; seu objetivo era formar líderes/facilitadores da abordagem (Rogers, 1970/2002), sendo posteriormente abertos ao público como prática terapêutica. Os *workshops* centrados na pessoa constituem eventos de longa duração capazes de comportar grupos de encontro e outras atividades, formando uma comunidade maior (Rogers, 1977/2001, 1980/1983). Em todas essas propostas, nota-se a preocupação de Rogers em validar a efetividade das práticas grupais por meio de registros e pesquisas.

Figueiredo (1991) classificou o pensamento psicológico em diversas matrizes, incluindo as proposições de Rogers na Matriz Vitalista e Naturista, definindo-a como humanismo romântico e irracionalismo conformista. Contudo, tais considerações devem ser entendidas com reservas e podem estar associadas a uma cultura anticientífica que se desenvolveu entre praticantes e escritores pouco familiarizados com essa corrente de pensamento. Com efeito, o pensamento de

Rogers sofreu influência do humanismo romântico profícuo do *Teachers College* da Universidade de Columbia em Nova Iorque, de onde procede a visão da educação centrada na criança e no estudante. Tal orientação era baseada no rigor filosófico e científico e repercutiu na Europa e no Brasil, como mostram os trabalhos de Anísio Teixeira (1900-1971), Helena Antipoff (1892-1974) e Lourenço Filho (1897-1970; ver Campos, 2001).

A teoria de Rogers deu grande importância à manifestação e ao reconhecimento dos sentimentos, o que pode ser considerado romântico, mas em nenhum momento excluiu de suas considerações a importância da reflexão. Ao contrário, a abordagem é um convite à reflexão, que é o retorno da consciência sobre si mesma. Enquanto escopo ontológico e epistemológico, o pensamento do Rogers ficaria mais bem situado em uma Matriz Funcionalista e Organicista (Figueiredo, 1991).

O rigor científico, através de métodos apropriados aos objetos de estudo, acompanhou Rogers desde o início do seu trabalho com a realização das primeiras pesquisas empíricas sobre psicoterapia (Rogers 1942/2005; Rogers & Dymond, 1954). Rogers foi o primeiro psicoterapeuta que ousou gravar em áudio uma sessão de psicoterapia para estudo. Esse interesse avançou e vem sendo refinado por novos métodos, como mostrou a retrospectiva sobre pesquisas nas abordagens humanístico-experienciais apresentada por Elliot e colaboradores (2020). Deste modo, comentários como o de Schmidt (2011), de que as propostas formativas e interventivas grupais seriam utópicas, podem refletir experiências comunitárias infelizes, conduzidas por profissionais inexperientes, e por desconhecimento da sólida tradição em pesquisas empíricas conduzidas em uma perspectiva humanística-experiencial (Elliot, 2013).

Oitavo ponto

Em um exercício intelectual meta-rogeriano, recorre-se ao trabalho do psiquiatra e psica-

nalista gaúcho David Zimmerman (1930-2014). No Brasil, Zimmerman (2000) desenvolveu um pensamento profícuo sobre os fundamentos das grupoterapias, a partir de variadas modalidades e classificações interventivas grupais, sintetizadas a partir de expoentes como Bion, Lewin, Moreno, Freud, Perls, Rogers, Pichon-Rivière, Sartre, Pratt, Foulkes, entre outros.

Zimmerman (2000) propõe tipologias de *settings* grupais segundo as modalidades de terapias: pelo grupo, em grupo, de grupo, do grupo e com o grupo. Segundo o autor:

1. Nas terapias *pelo grupo*, todas as atividades, objetivos e direcionamentos do processo grupal concentram-se na figura do facilitador, cabendo ao grupo seguir suas conduções;
2. *Em grupo*, o facilitador enfatiza as experiências individuais de cada participante, enquanto os demais testemunham e aguardam sua vez;
3. *De grupo*, o facilitador busca acessar as experiências individuais, mas as situa em interação entre os participantes;
4. *Do grupo*, o foco é o campo grupal como organismo ou sistema, não enfatizando experiências individuais, mas o processo grupal em sua totalidade;
5. *Com o grupo*, o facilitador abdica da liderança, tornando-se um participante e interagindo de forma horizontal com os demais. A psicodinâmica dessas classificações permite caracterizar os tipos de desenvolvimento grupal rogeriano.

As propostas do método não diretivo e da terapia centrada no cliente, aplicadas às terapias grupais (Gordon, 1951/1992; Hobbs, 1951/1992; Peres, 1947) e aos grupos de encontro e *workshops* (Rogers, 1970/2002, 1977/2001, 1980/1983), têm em comum a rejeição da terapia *pelo grupo*. Segundo Zimmerman (2000), essa modalidade implica que os participantes gravitam em torno do que o líder planeja, sugere e conduz. As ideias de cliente e empoderamento pessoal de Rogers (1977/2001) criticam essa forma de liderança e a passividade dos participantes.

As propostas de linhagem rogeriana também não se aplicam à modalidade de terapia *em grupo*, na qual o terapeuta conduz intervenções direcionadas a um indivíduo, cabendo aos demais participantes testemunhar e aguardar sua vez (Zimerman, 2000).

Em contraposição, os terapeutas ou facilitadores das perspectivas de grupoterapia não diretiva (Peres, 1947), psicoterapia centrada no grupo (Hobbs, 1951/1992) e liderança centrada no grupo (Gordon, 1951/1992) partem das individualidades dos membros – sentimentos, pensamentos e expressões – para colocá-las em interação com os demais participantes, observando suas reações. Essa lógica, de partir das individualidades para a generalidade e desta para o grupo, enquadra-se no que Zimerman (2000) chama de terapia *de grupo*. Infere-se que tal enquadre decorre do desdobramento clínico da personalidade nas práticas individuais de aconselhamento e psicoterapia.

As propostas de liderança centrada nos grupos (Gordon, 1951/1992), bem como os grupos de encontro e *workshops* (Rogers, 1970/2002, 1977/2001, 1980/1983), correspondem ao que Zimerman (2000) denomina terapia *do grupo*. Nessa modalidade, os facilitadores deixam a perspectiva da terapia *de grupo* para considerar o grupo em sua totalidade, como um organismo, observando seus movimentos e direcionamentos, atentos ao fluxo grupal sem focar nas dinâmicas individuais.

Dependendo do grau de maturidade do grupo enquanto comunidade, avança-se para a modalidade de terapia *com o grupo* (Zimerman, 2000). Nessa etapa, os facilitadores rogerianos abdicam de suas funções de liderança ou (psico) terapêuticas para interagir livremente com os demais membros, em condições de horizontalidade, dissolvendo-se no grupo como participantes. Infere-se que essa abordagem ocorre porque o objetivo desses grupos não é a mudança de personalidade, mas o crescimento pessoal e social.

O desenvolvimento das propostas interventivas grupais de Rogers culminou em uma crítica às estruturas de poder e controle institucionalizados. O expoente humanista e seus colaboradores

propuseram alternativas de tomada de decisão baseadas na escuta mútua, na corresponsabilidade e na construção coletiva. Portanto, o legado de Rogers não se restringe a uma ética individualista idealizada, mas configura-se como uma proposta de transformação intrapessoal, interpessoal e social, sustentada em um contexto de ideias científicas, práticas terapêuticas grupais e valores democráticos.

Considerações Finais

Com base no exposto, salienta-se que desde o início dos trabalhos clínicos de Rogers e seus colaboradores teceram aplicações e pesquisas no âmbito da terapia grupal. Com base nesses estudos, Rogers elaborou implicações e explicações sobre os fenômenos e práticas grupais. Após se aposentar, dedicou-se a desenvolver suas próprias práticas grupais, orientadas formativa e interventivamente pela ACP.

Destarte, o desenvolvimento histórico foi narrado em três momentos: o seminal da proposta grupal, desde o aconselhamento psicológico não diretivo (1940-1947); o de desenvolvimento de práticas grupais oriundas da terapia centrada no cliente (1947-1963); e o de emergência dos grupos de encontro e *workshops* centrados na pessoa, ou comunidades centradas na pessoa (1963-1987). Desse percurso, foram estabelecidos oito pontos de discussão e inferências sobre o desenvolvimento das propostas terapêuticas grupais de Rogers, a saber: grupoterapia não-diretiva, psicoterapia centrada no grupo, liderança centrada no grupo, grupos de encontro e *workshops* centrados na pessoa. Ao longo desse percurso, Rogers avançou de uma proposta grupoterapêutica clínica para uma propositura política de experimento social humanista.

Rogers e seus estudantes/colaboradores fundamentaram suas proposições em pesquisas empíricas conduzidas com rigor científico e ética. Essa informação é essencial para valorizar o legado de Rogers, para além da psicologia clínica, dos grupos de encontro e dos *workshops*, pelos quais ele se tornou conhecido internacionalmente. Além disso, Rogers foi um cientista

que contribuiu significativamente para o desenvolvimento da ciência psicológica. Logo, é equivocado entender que, ao se aposentar da carreira universitária, ele tenha abandonado a pesquisa, sobretudo no âmbito de suas proposições grupais. Embora suas visitas ao Brasil o situem como um exímio facilitador de grupos, observa-se que sua erudição é mais ampla do que o público conheceu do psicólogo humanista.

Como limites deste trabalho, indica-se que não foram abordadas as questões conceituais e epistemológicas presentes nas propostas grupais mencionadas. Também não foram analisados todos os textos de Rogers e de seus colaboradores, dada a extensa produção de artigos, livros e capítulos sobre suas práticas terapêuticas grupais. Recomenda-se, portanto, que estudos futuros compilem as críticas às práticas terapêuticas grupais rogerianas e revisem sistematicamente as propostas grupais de orientação (pós)rogeriana, com atenção especial às produções brasileiras.

Conclui-se que os bens intelectuais e interventivos deixados por Rogers são vastos e permanecem abertos a estudos históricos que permitam compreender suas contribuições. Espera-se que este trabalho favoreça o reconhecimento do desenvolvimento dessa herança pelo fio-condutor das terapias grupais.

Referências

- Bandeira, E. (2012). *Carl Rogers no Brasil*. GRD Edições.
- Barfield, G. (2010). *About Carl R. Rogers - Nomination to the TIME 100 list of seminal thinkers*. <http://carlrogers.org/aboutCarl-Barfield.html>
- Barrett-Lennard, G. (1974). Experiential learning groups. *Psychotherapy: Theory, Research & Practice*, 11(1), 71–75. <https://doi.org/10.1037/h0086320>
- Barrett-Lennard, G. (1979). A New Model of Communicational-Relational Systems in Intensive Groups. *Human Relations*, 32(10), 841–849. <https://doi.org/10.1177/001872677903201002>
- Barrett-Lennard, G. (2017). *Experiential learning for professional helpers: A residential workshop innovation*. Palgrave MacMillan. doi: 10.1007/978-3-319-47919-4
- Barrett-Lennard, G., Kwasnik, T., Wilkinson, G. (1973). Some effects of participation in encounter group workshops: An analysis of written follow-up reports. *Interpersonal Development*, 4, 35–41. doi: 991005544223107891
- Campos, R. (2001). *Dicionário biográfico da Psicologia no Brasil*. Imago; Conselho Federal de Psicologia.
- Castelo Branco, P. (2022). As pesquisas clínicas coordenadas por Carl Rogers: Apontamentos metodológicos e repercussões. *Psicologia em Pesquisa*, 16(2), 1–24. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.31533>
- Elliot, R. (2013). Research. In M. Cooper, M. O'Hara, P. Schmid, & A. Bohart, *The handbook of Person-Centred Psychotherapy & Counselling* (pp. 468–482). Palgrave Macmillan.
- Elliott, R., Watson, J., Timulak, L., & Sharbanee, J. (2020). Research on Humanistic-Experiential Psychotherapies: Updated review. In M. Barkham, W. Lutz, & L. Castonguay (Eds.), *Garfield & Bergin's Handbook of Psychotherapy & Behavior Change* (pp. 421–468). Wiley.
- Evans, R. (1979). *Carl Rogers: O homem e suas ideias* (M. Ferreira, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1975)
- Figueiredo, L. C. (1991). *Matrizes do pensamento psicológico*. Vozes.
- Feitosa, E., Castelo Branco, P., & Vieira, E. (2017). Notas sobre a visita de Carl Rogers ao Brasil: Uma revolução silenciosa. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 17(2), 777–795. <https://doi.org/10.12957/epp.2017.37146>
- Florence Giust-Desprairies. (2008). Entretien - 'Max Pagès. L'approche non-directive'. *Nouvelle Revue de Psychologie*, 2(6), 245–53. <https://doi.org/10.3917/nrp.006.0245>
- Fonseca, A. (1988). *Grupo, fugacidade, ritmo e forma: Processo de grupo e facilitação na psicologia humanista*. Ágora.
- Frantilla, A. (1998). *Social science in the public interest: A fiftieth-year history of the Institute of Social Research*. Bentley Historical Library, University of Michigan.
- Freire, J. (1988). Retrospectiva crítica da obra de Carl Rogers: Da 'terapia do relacionamento' à

- intuitividade dos ‘momentos de movimento’. *Revista de Psicologia*, 6(1), 53–79. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/11008>
- Gordon, T. (1992). Liderança e administração centradas no grupo. In C. Rogers (Ed.), *Terapia centrada no cliente* (C. Bartalotti, Trad.; pp. 367–438). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1951)
- Gordon, T., & Carthwright, D. (1954). The effect of psychotherapy upon certain attitudes toward others. In C. Rogers & R. Dymond (Eds.), *Psychotherapy and personality change* (pp. 167–195). University of Chicago Press.
- Gordon, T., Grummon, D., Rogers, C., & Seeman, J. (1954). Developing a program of research in psychotherapy. In C. Rogers & R. Dymond (Eds.), *Psychotherapy and personality change* (pp. 12–33). University of Chicago Press.
- Gordon Training International. (2025). *About Dr. Thomas Gordon*. <https://www.gordontraining.com/thomas-gordon/about-dr-thomas-gordon-1918-2002/>
- Hobbs, N. (1992). Psicoterapia centrada no grupo. In C. Rogers (Ed.), *Terapia centrada no cliente* (C. Bartalotti, Trad.; pp. 319–366). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1951)
- Kirschenbaum, H. (2007). *The life and work of Carl Rogers*. American Counseling Association; PCCS Books.
- Koch, S. (Ed.). (1959). *Psychology: A Study of a Science. Vol. 3: Formulations of the person and the social context*. McGraw Hill.
- Lewin, K. (1947). Frontiers in group dynamics: Concept, method and reality in social science; social equilibria and social change. *Human Relations*, 1(1), 5–41. <https://doi.org/10.1177/001872674700100103>
- Lieberman, M., Yalow, I., & Miles, M. (1973). *Encounter groups: First facts*. Basic Books.
- McCarthy, T. (2014). Great aspirations: The postwar American College Counseling Center. *History of Psychology*, 17(1), 1–18. <https://doi.org/10.1037/a0035671>
- Moreira, V. (2007). *De Carl Rogers a Merleau-Ponty: A pessoa mundana em psicoterapia*. Annablume.
- O’Hara, M. (2013). PCA Encounter Groups: Transformative learning for individuals and communities. In J. Cornelius-White (Ed.), *Interdisciplinary applications of the person-centered approach* (pp. 221–227). Springer.
- Pagès, M. (1976). *Orientação não diretiva em Psicoterapia e Psicologia Social* (A. Santos, Trad.). EDUSP. (Trabalho original publicado em 1955)
- Peres H. (1947). An investigation of nondirective group therapy. *Journal of Consulting Psychology*, 11(4), 159–172. <https://doi.org/10.1037/h0056546>
- Rogers, C. (1976). *Algumas lições de um estudo de psicoterapia com esquizofrênicos*. In C. Rogers, B. Stevens, E. Gendlin, W. Dusen, & J. Shlien (Eds.), *De pessoa para pessoa: O problema de ser humano - Uma nova tendência em psicologia* (pp. 211–223). Pioneira. (Trabalho original publicado em 1967)
- Rogers, C. (1977). Teoria e pesquisa. In C. Rogers & M. Kinget (Eds.), *Psicoterapia e relações humanas: Teoria e prática da terapia não-diretiva* (M. Bizotto, Trad.; Vol. 1., pp. 143–282). Interlivros. (Trabalho original publicado em 1959)
- Rogers, C. (1979). Groups in Two Cultures. *Personnel & Guidance Journal*, 58(1), 11–15. <https://doi.org/10.1002/j.2164-4918.1979.tb00332.x>
- Rogers, C. (1983). *Um jeito de ser* (M. Kupfer, H. Lebrão & Y. Patto, Trans.). EPU (Trabalho original publicado em 1980)
- Rogers, C. (1992). *Terapia centrada no cliente* (C. Bartalotti, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1951)
- Rogers, C. (2001). *Sobre o poder pessoal* (W. Penteado, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1977)
- Rogers, C. (2002). *Grupos de encontro* (J. Proença, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1970)
- Rogers, C. (2005). *Psicoterapia e consulta psicológica* (M. Ferreira, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1942)
- Rogers, C. (2009). *Tornar-se pessoa* (M. Ferreira & A. Lamparelli, Trans.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1961)
- Rogers, C. (2020a). Aspectos significativos da terapia centrada no cliente. In J. Wood (Org.), *Abordagem centrada na pessoa* (pp. 25–42). Companhia Ilimitada. (Trabalho original publicado em 1946)

- Rogers, C. (2020b). Algumas observações sobre a organização da personalidade. In J. Wood (Org.), *Abordagem centrada na pessoa* (pp. 44–70). Companhia Ilimitada. (Trabalho original publicado em 1947)
- Rogers, C., & Dymond, R. (Eds.). (1954). *Psychotherapy and personality change*. University of Chicago Press.
- Rogers, C., Gendlin, E., Kiesler, D., & Truax, C. (Eds.). (1967). *The therapeutic relationship and its impact: A study of psychotherapy with schizophrenics*. University of Wisconsin Press.
- Rogers, C., & Russell, D. (2002). *Carl Rogers: The quiet revolution - An oral history*. Penmarin Books.
- Rogers, C., & Wallen, J. (2000). *Manual de Counseling* (B. Tomé & S. Larga, Trans.). Encontro. (Trabalho original publicado em 1946)
- Schmidt, M. (2011). Utopia, teoria e ação: Leitura das propostas grupais na abordagem centrada na pessoa. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(3), 628–639. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000300014>
- Smith, M. (1985). Nicholas Hobbs (1915–1983). *American Psychologist*, 40(4), 463–465. <https://doi.org/10.1037/h0092198>
- Stenzel, L. (2021). Habilidades terapêuticas interpessoais: A retomada de Carl Rogers na prática da psicologia baseada em evidências. *Psicologia Clínica*, 33(3), 557–576. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0033n03A09>
- Tougas, R. (1954). Ethnocentrism as a limiting factor in verbal therapy. In C. Rogers & R. Dymond (Eds.), *Psychotherapy and personality change* (pp. 196–214). University of Chicago Press.
- Zimmerman, D. (2000). Modalidades grupais. In D. Zimmerman (Ed.), *Fundamentos básicos das grupoterapias* (pp. 55–63). ArtMed.
- Wood, J. (2013). *Summer of persons: A logbook on the person-centered approach to large group*. Via Lettera.

Editor Associado: William Barbosa Gomes

Recebido: 10/03/2025

1ª revisão: 03/11/2025

Aceite final: 03/11/2025

Apêndice

Referências para Orientar os Leitores no Aprofundamento do Tema

- Castelo Branco, P. (2025). *Fundamentos epistemológicos da abordagem centrada na pessoa* (2. ed.). Edições IFEN.
- Rogers, C., Wood, J., O'Hara, M., & Fonseca, A. (1983). *Em busca de vida: Da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa*. Summus.
- Wood, J. (2008). *Carl Rogers' Person-Centered Approach: Toward an understanding of its implications*. PCCS Books.



O(s) autor(es), 2026. Acesso aberto. Este artigo está distribuído nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que você dê crédito apropriado ao(s) autor(es) original(ais) e à fonte, fornecer um link para a licença Creative Commons e indicar se as alterações foram feitas.